

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/301481240>

# ALCUNHAS E NOMES GEOGRÁFICOS NA LITERATURA REGIONAL MADEIRENSE

**Chapter** · January 2004

CITATIONS

0

READS

49

## 1 author:



**Naidea Nunes**

Universidade da Madeira

**42** PUBLICATIONS **12** CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

**Some of the authors of this publication are also working on these related projects:**



A Cultura Açucareira no Atlântico [View project](#)



Arpofama - Arquivo do Português Falado no Arquipélago da Madeira [View project](#)

## ALCUNHAS E NOMES GEOGRÁFICOS NA LITERATURA REGIONAL MADEIRENSE

*Naidea Nunes Nunes*

Universidade da Madeira

Depois de termos estudado a antroponímia primitiva da ilha da Madeira em documentos notariais e administrativos dos séculos XV e XVI, propomo-nos neste trabalho estudar a antroponímia da ilha nos textos literários madeirenses do século XX, com uma forte componente regionalista linguístico-etnográfica e sócio-cultural, ou seja, textos narrativos que retratam a vida, a língua e a mentalidade dos meios rurais (por oposição ao meio urbano do Funchal, onde a vida apresenta mais conforto e liberdade), através dos antropónimos e particularmente das alcunhas, que são recolhidas da realidade oral, social e quotidiana, traduzindo, muitas vezes, os destinos dos indivíduos, como por exemplo o antropónimo João Miséria.

Os romances históricos reconstituem a vida dos homens e a sociedade do século XVI, na ilha da Madeira, com personagens históricas, utilizando os antropónimos dos primeiros povoadores da ilha. Em *A ilha e o tempo* (AIT), publicado em 1980, e *António e Isabel do Arco da Calheta* (AIAC), publicado em 1985, João França retrata a realidade sócio-económica da ilha da Madeira no século XVI. No primeiro caso, a produção açucareira primitiva com alçapremas e o desenvolvimento dos engenhos e desta produção na ilha, a escravatura e os morgadios, tendo como personagens principais os nobres e os escravos, enquanto, no segundo caso, parte de um acontecimento real, «o rapto de Isabel de Abreu» e de personagens históricas como João Esmeraldo e Simão Gonçalves da Câmara (capitão donatário do Funchal), reconstituindo-o e ficcionando-o, sendo uma mistura de realidade histórica e ficção.

Os romances e contos etnográficos madeirenses retratam a vida e os homens de meados do século XX, principalmente as pessoas pobres do meio rural e a sua luta pela sobrevivência, nas freguesias mais isoladas do norte da ilha. *O Emigrante* (OE), conto e comédia em um acto e oito quadros, sem data, de João França, incluindo o conto «O caminho do Monte», retrata a pobreza da ilha, principalmente de quem trabalha na terra (Canhas) e na cidade (Funchal), o que justifica a necessidade de emigrar ou embarcar para a América com a esperança de melhorar as condições de vida. O livro de contos *Ribeir-*

*ra Brava* do mesmo autor retrata também a realidade cultural madeirense, nomeadamente as crenças e superstições populares dos meios rurais. A crónica romanceada *A minha gente* (MG) de António Marques da Silva, publicada no Funchal em 1985, apresenta aspectos relativos à linguagem e ao retrato da vida na freguesia isolada do norte da ilha, S. Jorge, nos anos quarenta. António Ribeiro Marques da Silva escreve no prefácio da obra: «Há nomes de pessoas que existiram e que representam apenas, por parte de meu pai, uma homenagem saudosa; poderá haver, sim, coincidência de nomes, sem que isso signifique uma referência à realidade, desde que foi evidente a preocupação, através dos onomásticos, de colorir com verdade, a descrição das situações e do ambiente.».

Horácio Bento de Gouveia, nos seus romances e contos *Lágrimas correndo mundo* (LCM), publicado em 1959, *Águas Mansas* (AM), publicado em 1963, *Alma negra e outras almas* (ANOA), publicado em 1972, *Canga* (C), publicado em 1975, *Torna-Viagem* (TV), publicado em 1979, *Margareta* (M), publicado em 1980, *Luísa Marta* (LM), publicado em 1982, também retrata a dura vida dos agricultores em Ponta Delgada, principalmente na produção da cana sacarina e no trabalho dos engenhos, que sobrevivem explorados pelo regime de colónia, das bordadeiras exploradas pelos fabricantes, dos jovens que deixam a aldeia e tentam a sua sorte na cidade do Funchal, dos homens que emigram para a América, perdendo-se ou conseguindo juntar dinheiro para mandar buscar a mulher e os filhos, voltando depois à terra natal. O Romance *No Vale de Machico* (NVM) e o livro de contos *As ondas e o Vale* (AOV) de Carlos Cristovão, tendo como pano de fundo a vila piscatória de Machico, retratam a luta do ilhéu madeirense com o mar e com a terra, mas principalmente com o mar: as condições difíceis de sobrevivência dos pescadores mas também dos agricultores.

Utilizamos a terminologia antroponomástica recente proposta pelo coordenador do projecto PatRom, Professor Doutor Dieter Kremer, por ser mais adequada e por descrever e classificar melhor as diferentes unidades antroponímicas, não seguindo a terminologia tradicional de José Leite de Vasconcelos. Assim, o termo prenome designa o primeiro nome, podendo ser simples ou composto por dois elementos onomásticos que fazem parte do primeiro nome, por exemplo: Maria Helena (LCM), Maria José (LCM) e os nomes marianos do tipo Maria do Céu (LCM), Maria do Rosário (LCM), Maria da Graça (MG), Maria da Luz (LCM), Maria de Lurdes (LCM), Maria do Espírito Santo (LCM), Maria das Dores (LCM). A adopção do termo prenome para o primeiro nome leva-nos a utilizar o termo segundo nome (em vez de apelido) para o nome de família, designando a unidade antroponímica que segue o prenome. No caso da cadeia antroponímica apresentar mais de duas unidades onomásticas, estas são designadas por terceiro e quarto nomes, ou seja, as unidades antroponímicas são designadas pela posição e sequência que ocupam na cadeia antroponímica. Os segundos, terceiros e quartos nomes podem ser constituídos por patronímicos<sup>1</sup>, nomes geográficos ou nomes de origem e

<sup>1</sup> Formas derivadas de prenomes com o sufixo latino *-ici*, que inicialmente indicavam a filiação paterna, fixando-se depois como apelido ou nome de família, por exemplo: *Rodrigues*, filho de *Rodrigo*.

alcunhas ou nomes delexicais. Neste trabalho, interessa-nos estudar principalmente as alcunhas e os nomes geográficos, por serem estes os que melhor traduzem a realidade sócio-cultural madeirense, por isso colocamos em segundo plano os prenomes e os patronímicos.

As alcunhas são nomes delexicais, ou seja, lexemas do vocabulário comum com uma função descritiva, que identificam e qualificam um indivíduo socialmente, através de características físicas ou morais (qualidades e defeitos), nomes de profissão ou cargo, nomes étnico-geográficos (derivados do nome da localidade de origem na ilha e do país de emigração) e ainda nomes resultantes de algum episódio da vida do indivíduo, fornecendo-nos informações linguístico-culturais da sociedade madeirense. Assim, podemos classificar as alcunhas do seguinte modo:

a) alcunhas propriamente ditas, alusivas a características físicas e morais dos indivíduos e qualidades expressas indirectamente através de metáforas com animais e plantas, por exemplo: Maria Preta (AIT); Caramujo (MG); Murganho (C); Pombo (NVM); Cagarrinha (NVM); Jaca (C), espécie de caranguejo; Balaia (RB), cesto grande e largo; Cebolinho (RB); Giba (RB); Patudo (LM); Cambado (LCM); José Engorda (RB); Rosa Morena (RB); Maria Engraçada (RB); Vermelho (C); Canhoto (AM); Pote (AM); Ruço (AM); Louro (LM); Linda Parda (AIAC); Parda (AM); Barbado (LM); Peixe (MG); Perneta (MG); Belo (AM); Coto (C); Macaco (C); Cabrito (C); Batata (LM).

b) alcunhas alusivas aos hábitos de vestuário, origem social e outras particularidades individuais, por exemplo: Biscoitinho (MG), Bonitinho (MG), Bento Enjeitado (AIT), João Fartinho (MG), Mané Rei Pobre (AIT), Farelo (AM e LM), Braguinha (AOV), Manuel das Couves (RB), Aníbal do Alambique (AM), Piedade da Flauta (AM), Luís da Feiteira (C), José Cascalho (LCM), Julinho das Canoas (LCM), Espera (C), Feiticeiro (AM), Maria Roncalha (AM).

c) alcunhas provenientes de cognomes ou epítetos com valor distintivo, distinguindo, geralmente, dois membros de uma família com o mesmo nome, por exemplo: Pompílio Velho (MG), Fartinho Velho (MG), Semião o Velho (AM), Brasinha Pai (OE).

d) alcunhas provenientes de nomes de profissão, por exemplo: José Serralheiro (LCM); Alberto Bomboteiro (LCM e M), indivíduo que trabalha no porto a vender objectos aos turistas dos barcos; Ramos Tanoeiro (AM); Luís Fogueiro (AM); Luís Caldeireiro (AM); Levadeiro (TV) e Jacinto Levadeiro (RB); Alice Bordadeira (RB); João Cesteiro (RB); Maria Parteira (RB); Isabel Moleira (AM); Aníbal do Alambique (AM), Alambiqueiro; Manuel da Calçada (AM e C), Sapateiro; Diogo do Açougue (LM).

e) alcunhas provenientes de nomes étnico-geográficos relativos à localidade de origem na ilha e à terra de emigração, por exemplo: Americano (OE e NVM); Faustino Brasileiro (AM) e Gregória Brasileira (AM); Caniceiro (MG) e Luísa Caniceira (MG), do Caniço; Canheiro (TV), dos Canhas.

f) alcunhas de significado obscuro, por exemplo: Tracis (TV), Bajeca (TV), Parruca (TV), Cabós (TV), Bichanga (AM), Garipo (AM e C), Balanco (AM), Pélea (C), Nuja (C), Barbaças (C), Cacuja (C), Santaneira (LM), Talassa (LM), Galdino (AM), Galério (AM).

A classificação de algumas alcunhas é difícil, por serem termos obscuros ou por serem já remotas e desconhecidas as motivações, factos ou circunstâncias que as ocasionaram, enquanto em relação a outras ainda se conhecem os motivos que lhes deram origem. A explicação ou motivação de determinadas alcunhas ocorre na própria literatura, como António de Quê (AIT), escravo que apenas tinha um prenome e por lhe perguntarem de Quê passou a ter esta alcunha; Pencudo, por ter um nariz muito grande; Couto por ter perdido um braço. Trata-se de alcunhas individuais, por oposição a outras alcunhas que já passaram a nome de família ou apelido, por exemplo: João Ratazana, o Tracis (TV), neste caso o apostro é uma alcunha individual, enquanto o nome Ratazana com o tempo perdeu a sua motivação individualizante, sendo nome de família. Como afirma Dieter Kremer, «Les noms propres délexicaux sont d'un intérêt tout spécial: ils sont des témoins extrêmement précieux de la langue parlée ou populaire de leur époque et très souvent ils permettent de dater pour la première fois tel phénomène lexical. En même temps, il est pratiquement impossible de définir le sens concret d'un surnom: sauf dans des cas très rares, nous ne sommes pas renseignés sur la motivation réelle de telle surnomination, une interprétation correcte ne montrera que la piste, en indiquant les significations possibles.»<sup>2</sup>.

Leite de Vasconcelos afirma que «de ordinário, o povo, no trato familiar, não emprega apelidos e prefere servir-se de uma alcunha frisante a servir-se de um apelido.»<sup>3</sup> As alcunhas e apodos são tão naturais nos meios rurais madeirenses que em vez de serem ofensivos são motivo de graça social e proximidade humana, desempenhando um importante papel de identificação social, de tal modo que, nos meios rurais, as pessoas não conhecem os nomes de família dos vizinhos mas apenas as respectivas alcunhas. As alcunhas enriquecem o léxico onomástico, gerando novos nomes de família, o que favorece a variedade da cadeia antroponímica e evita a homonímia, tal como os nomes geográficos.

As alcunhas podem substituir os prenomes, ou seja, o indivíduo pode ser identificado apenas pela alcunha, sendo esta antecedida por um artigo definido, como por exemplo: O Pencudo (LCM), O Pimenta (TV e C), O Bajeca (TV), O Casca (C), O Passada (LCM e TV), O Cambado (TV), O Barbado (TV), O Bacalhau (TV e C), O Bizarro (LM), O Matraca (AM e C), O Repisa (C), O Inchado (C), O Capa Porcos (C), O Perneta (MG), O Peixe (MG), O Bonitinho (MG), O Braguinha (AOV), A Rancheira (AOV), O Cassaca (C), O Japão (LCM), O Palhaça (LCM), O Água-vai (LCM), O Caneco (ANOA), O Espera (LM), O Furado (LCM), O Cinquenta (AM), O Chegadinho (AM), O Saca Loiros (C), O Carriça (C), O Macho (C), O Miséria (C), O Parreira (C), O Maranhoto (C), O Ladeira (TV), O Má-carne (LM). As alcunhas ocorrem também como segundo nome, ou seja, depois do prenome, por exemplo: Maria Mouca (LM), José Barbado (TV), José Casca (LM e C), António Bacalhau (LM), José Garipo (C), João Soldado (C), João Per-

<sup>2</sup> Cf. Dieter Kremer, *Dictionnaire historique de l'anthroponymie romane (PatRom)*. Présentation d'un projet, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1997: xvii-xviii.

<sup>3</sup> Cf. Leite de Vasconcelos, *Antroponímia portuguesa*, p. 177.

rolho (LM), Emílio Pingas (TV), José Belo (AM e C), Maria Boca Negra (AIAC), podendo ser introduzida por uma preposição, como por exemplo: José das Pingas (TV), Manuel das Couves (RB), António das Vacas (C), Camilo das Estacas (RB), António da Vinha (LM), tratando-se ainda de apodos individuais e não de nomes de família. As alcunhas ocorrem ainda depois do segundo nome ou nome de família (alcunha ou nome geográfico) como aposto, sendo um apodo ou nome de identificação individual, por exemplo: António de Sousa, o Meio Grogue (MG); Jorge Ratazana, o Tracis (TV); João Gonçalves, o Chaveco (C); Libano da Lombada, o Língua (LM). A alcunha pode ainda ocorrer como segundo nome, seguida de um nome geográfico como terceiro nome facultativo (unidade antroponímica que surge na forma plena e não na forma sincopada<sup>4</sup>, por ser um complemento de individualização da alcunha), por exemplo: João Fartinho da Ribeira Funda (AM). As formas compostas das alcunhas, geralmente, são formadas por um verbo e um nome ou um nome e um verbo ou por um nome e um adjetivo, que se referem a características físicas e/ou episódios da vida dos indivíduos que os marcaram, identificando-os socialmente, como por exemplo: Rouba Azeite (RB), Saca Loiros (C), Capa Porcos (C), Água-vai (LCM), Má-carne (LM), Boca Negra (AIAC).

Os nomes geográficos são nomes de lugares ou designações toponímicas (macro e principalmente microtoponímia), geralmente precedidos pela preposição *de*, que são introduzidos nos antropónimos madeirenses para identificar os indivíduos a partir da sua localidade de origem na ilha e do país ou região de emigração, por exemplo: O Anjo de Demerara (AM), Rodrigues de Sandwich (AM) e José do Brasil (LM), podendo fixar-se como apelido ou nome de família. Nos antropónimos madeirenses, predominam os nomes geográficos da microtoponímia, indicativos da localidade de origem do indivíduo, por exemplo: José da Fonte (LCM), João do Pico (NVM), Jerves do Barranco (RB), Manuel do Tanque (MG), Gibinha do Tanque (C), Maria Joana do Tanque (LM), Ambrósia da Furna (RB), Francisco da Achada (TV), Manuel Teixeira da Achada Grande (MG), José da Levada (C), Maria Clara da Levada (TV), Gonçalves da Quebrada (TV), Garcês da Ribeira (AM), Daniel da Ribeira Funda (MG), Joana do Moinho (TV), Josefa do Moinho (RB), Joãozinho da Ladeira (AM), Manulinho da Ladeira (C), Bichanga da Lombada (AM), Filipe do Engenho da Ribeira Funda (AM), Fernando do Cabeço (AM), Bentes do Cabeço (RB), Tanoeiro do Lanço (AM), Ângela da Terra Chã (AM), Pena da Roça (AM), Joana dos Terços (C), Raquel dos Terços (LM), Jorge do Lombo (MG), Tomé do Lombo (C), António do Lombo (AM), Jacinto do Lombinho (LM), Cacula das Lombadas (LM), João dos Lameiros (C), Maria dos Lameiros (C), José do Poço (C), Jacinto da Várzea (RB), João do Estreito (AM), Manuel dos Enxurros (C), Helena dos Enxurros

<sup>4</sup> Os antropónimos apresentam formas plenas e formas sincopadas correspondentes, em que há omissão de unidades antroponímicas, reduzindo a cadeia onomástica, como podemos ver nos seguintes exemplos: José Cascalho ou Cascalho (LCM), Francisco Ferreira ou Ferreira (MG), João Domingos da Achada Grande ou Domingos (MG), Daniel da Ribeira Funda ou Daniel (MG), João de Freitas da Silva do Estreito ou Freitas da Silva ou João do Estreito (LCM), Jorge Ratazana ou Ratazana (TV), Barbado da Falca ou Barbado (TV), João Perrolho ou Perrolho (C).

(LM), Leonarda dos Enxurros (LCM), Americano dos Canhas (OE), Góis da Ponta Delgada (LCM), Ireneu da Ponta do Pargo (TV), O Cassaca da Boaventura (C), Hilário da Boaventura (LM), Albano do Caniço (LM), Freitas do Campanário (TV), Brasinha do Paul da Serra (OE), Brasinha do Jardim do Mar (OE), José Freitas de Câmara de Lobos (M), Ramalho da Fajã do Penedo (TV), Julião da Banda d'Além (NVM). Assim, os nomes geográficos ocorrem como segundo nome, depois do prenome ou da unidade antroponímica que o substitui, e como terceiro nome, depois do prenome e do segundo nome (algunha ou patronímico como apelido ou nome de família), por exemplo: Crispim Americano dos Canhas (OE), João de Freitas do Estreito (LCM). Mas também registámos um caso em que o nome geográfico substitui o prenome do indivíduo, designadamente O Câmara de Lobos (MG). Nos antropónimos das personagens históricas predominam os nomes geográficos que indicam a origem geográfica dos povoadores da ilha da Madeira, como por exemplo: Branca de França ((AIAC), D. Leonor de Atouguia (AIAC), D. Leonor de Vilhena (AIAC), D. Joana de Eça (AIAC), Diogo de Teive (AIAC), D. Guiomar de Sousel (AIAC), Telmo de Almada (AIAC), João Rodrigues de Noronha (AIAC), D. Isabel de Abreu (AIAC), João Fernandes de Andrade (AIAC), Álvares da Costa (AIAC).

Os antropónimos podem ser antecidos por títulos, nomeadamente nos romances históricos o título de nobreza das mulheres Dona, por exemplo: D. Leonor de Vilhena (AIAC); o título indicativo de ofício artesanal Mestre, como por exemplo: Mestre José Carpinteiro (LCM), Mestre Manuel da Calçada (C) e o título Dr. para os licenciados. Registámos a forma de tratamento familiar e popular *Ti*, ainda hoje usada nos meios rurais, aplicada a pessoas mais velhas, por exemplo: Ti Jerves (OE) e Ti Maria (OE). Como podemos ver, a literatura regional madeirense procura retratar a identidade e linguístico-etnográfica e cultural da população rural. Assim, a escolha dos nomes das personagens fundamenta-se na realidade social do meio rural, basta ver como se repetem determinadas unidades antroponímicas nos romances de Horácio Bento Gouveia, nomeadamente as alcunhas: Japão, Espera, Cambado, Pimenta, Matraca, Calçada, Belo, Balanco, Coto, Casca, Parreira, Canheiro, Bacalhau e os nomes de origem geográfica: dos Enxurros, dos Lameiros, do Moinho, do Tanque, da Lombada, do Lombo, da Ladeira, dos Terços.

As mulheres, geralmente, só apresentam como antropónimo um prenome feminino simples ou composto (nomes marianos como Maria da Luz (LCM), Maria do Céu (LCM), Maria de Jesus (LCM), Maria da Graça (LCM), etc.). Podem ser identificadas com o prenome ou com a alcunha do marido, por exemplo: a mulher do Miséria (C), a mulher do Pimenta (TV), a mulher do Parruca (C), a mulher do Hilário (TV), a mulher do Garipo (C), a mulher do Cristóvão (C), a mulher do Ribeiro (C), a mulher do Pélea (C), a mulher do Louro (LM). Também podem receber a alcunha do marido, antecida pelo artigo definido feminino, como por exemplo: A Repisa (AM), mulher do Repisa, e A Japona (LM), mulher do Japona. A alcunha do marido pode adquirir a forma feminina, por exemplo: Luísa Caniceira (MG), mulher do Caniceiro, ou o prenome da mulher é seguido pela alcunha do marido, introduzido pela preposição *de* que indica pertença, como por exemplo: Maria do Petito (NVM); Maria do Cabós (AM), mulher do Cabós; Josefa



do Padeiro (LM); Augusta do Espera (LCM). As mulheres podem ainda ser identificadas através da relação de parentesco com os pais, nomeadamente a filha do Andrade (AM), a filha do Crispim (AM), a filha da Custódia (C). O prenome feminino pode ainda ser seguido pelo prenome ou alcunha do pai ou da mãe, introduzida pela preposição *de*, por exemplo: Maria da Rancheira (LM), Luísa do Tomé (ANOA), Lucinda do Duarte (TV), Leonilde do Pestana (TV), Constança do Garcês (AM). Também alguns indivíduos masculinos são identificados através da relação de parentesco com os pais, por exemplo: o filho do Ratazana (TV), o filho do Bajeca (TV), o filho do Pimenta (TV), o filho do Inácio (TV), Francisco da Inês (TV), Manuel da Angica (AM), Manuel da Eduardinha (AM) ou Americano da Eduardinha (AM), no caso da identificação através da mãe, esta ocorre, provavelmente, quando a mulher é viúva ou quando o marido está emigrado.

Os antropónimos estudados apresentam variantes fonéticas (processos fonético-articulatórios) e morfológicas (formas diminutivas que caracterizam os antropónimos dos meios rurais). As variantes fonéticas correspondem a formas dialectais da ilha da Madeira, nomeadamente a característica dintongação: Seilva por Silva (MG), Dioneisio ou Deoneisio por Dionísio (MG), Joseia por José (LCM), Agostinho por Agostinho (MG), Pompeilio por Pompílio (MG), Domeingos por Domingos (MG), Franceisco por Francisco (MG), Perfeito por Perfírio (MG), Mareia por Maria (MG), Joaozinho por Joãozinho (MG), Analeinha por Analinha (MG), Alveneinho por Alveninho (MG), Jaceinto por Jacinto (MG) e Teresia por Teresa (AM). Outros fenómenos fonéticos visíveis nos antropónimos são a realização da vogal *i* como *e* em Marequenhias por Mariquinhas (MG), Pedrenhos por Pedrinhos (MG), Caneceiro por Caniceiro (MG), Rebeiro por Ribeiro (MG); a realização de *i* por *e* em Linardo por Leonardo e Mideiros por Medeiros (C); a vogal *a* por *o* em Pampilio por Pompilio; a supressão da primeira vogal da palavra em Jaquim por Joaquim (MG) e realização de *t* por *p* em Plicarto por Policarpo; a supressão da semivogal em Emilo por Emílio (AM) e a palatalização da consoante lateral em Emilha por Emília (MG); a assimilação vocálica em Amaricano por Americano (AM), Marçalino por Marcelino (MG) e Farnandes por Fernandes (MG) e a dissimilação em Anrique por Henrique (LCM); a metátese em Custóida por Custódia (C), Antoino por António (MG) e Gregóiro por Gregório (TV); a troca do *b* pelo *v* em Alvino por Albino e ainda a realização da consoante fricativa alveodental *z* pela fricativa palatal em Jorze por Jorge. Quanto às variantes morfológicas, predominam as formas diminutivas dos prenomes, como Candinha (MG) ou Candeinha (MG) de Cândida (MG), Man'leinho (MG), Mane'leinho (MG), Manulinho (LM) ou Maneloico (LCM) de Manuel ou Manel (MG), Mareicas (MG), Mar'queinhas (MG) ou Mariquinhas (MG) e Mariazinha (LCM) de Maria, Julinho (LCM) de Júlio, Joãozinho (AM) de João, Luisinha de Luísa (LM), Martinzinho de Martim (MG), Emilinha de Emília (NVM), Analeinha de Anália (MG), Pedrinhos de Pedro (MG), Josezinho de José (MG), Inacinho de Inácio (TV), Clarinha de Maria Clara (TV), Luzinha de Maria da Luz (LCM), Danielzinho de Daniel (MG), Damiãozinho de Damião (MG), Angelinha de Ângela (LCM), Francisquinha de Francisca (LM), Gracinha de Maria da Graça (MG), Fernandinho de Fernando (AM), Alveninho



de Alvino (MG), Antoniquinho de António (LCM), Jaimeinho de Jaime (MG), e das alcunhas, por exemplo: Fartinho (MG), Estragadinho (C), Gibinha (C), Chegadinho (AM), Caramujeinho (MG), Pachequinho (MG), Japoninha de Japona (LM), Matraquinha (C), Casquinha (LM). As formas diminutivas dos prenomes e das alcunhas são características da realidade rural madeirense, aplicando-se às crianças e aos camponeses entre si, por oposição aos proprietários e cidadãos, que são tratados por senhores.

O estudo dos antropónimos madeirenses apresenta grande interesse linguístico-etnográfico e sócio-cultural. Na antroponímia madeirense, retratada na literatura regional, predominam as alcunhas e os nomes geográficos (microtoponímia) com a função de identificar socialmente os indivíduos. Os antropónimos, principalmente as alcunhas, desempenham um papel social de individualização e indicação do estatuto ou condição social dos indivíduos. Assim, as formas diminutivas dos prenomes e das alcunhas são características das classes sociais mais baixas dos meios rurais, tal como as variantes fonéticas das unidades antroponímicas traduzem a realidade dialectal madeirense.

## Bibliografia

### 1. Fontes literárias

- Cristovão, Carlos, *As Ondas e o Vale* (Contos), Funchal, Editorial Eco do Funchal, 1962 (2ª edição).
- Cristovão, Carlos, *No Vale de Machico* (Romance), Funchal, Tipografia Minerva, 1966.
- França, João, *A ilha e o Tempo*, Funchal, Editorial Eco do Funchal, 1980.
- França, João, *Ribeira Brava*, Porto, Livraria Simões Lopes, s/d.
- França, João, *O Emigrante* (Conto e Comédia), s/l, Agência Portuguesa de Revistas, s/d.
- França, João, *António e Isabel do Arco da Calheta* (Romance), Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, 1985.
- Gouveia, Horácio Bento de, *Lágrimas correndo mundo* (Romance), Coimbra, Coimbra Editora Limitada, 1959.
- Gouveia, Horácio Bento de, *Águas Mansas* (Romance), Coimbra, Coimbra Editora Limitada, 1963.
- Gouveia, Horácio Bento de, *Canga* (Romance), Coimbra, Coimbra Editora Limitada, 1975.
- Gouveia, Horácio Bento de, *Alma negra e outras almas*, Funchal, Tipografia Minerva, s/d.
- Gouveia, Horácio Bento de, *Torna-Viagem* (O Romance do Emigrante), Funchal, Editorial Correio da Madeira, 1995 (2ª edição).
- Gouveia, Horácio Bento de, *Margareta* (Romance da Cidade e do Mundo), Funchal, Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1980.
- Gouveia, Horácio Bento de, *Luísa Marta* (Ficção e Memória, Romance), Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, 1982.
- Silva, António Marques da, *Minha Gente* (Crónica romanceada), Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, 1985.

### 2. Estudos linguísticos e onomásticos

- Azevedo, Pedro de, «Nomes de pessoas e nomes de lugares», *Revista Lusitana*, vol. VI, 1900-1901: 47.
- Azevedo, Pedro de, «Appellidos italianos em Portugal», *Revista Lusitana*, vol. IX, 1906: 179.
- Boléo, Manuel de Paiva, «Os estudos de antroponímia e toponímia em Portugal», *Revista de Por-*

- tugal, Série A, *Língua Portuguesa* 18, 1953a: 145-152.
- Boléo, Manuel de Paiva, «Os matronímicos nos apelidos populares portugueses», Sep. da *Revista de Portugal*, Série A, *Língua Portuguesa* 18, 1953b: 113.
- Boléo, Manuel de Paiva, «Os nomes étnico-geográficos e as alcunhas colectivas. Seu interesse linguístico, histórico e psicológico», *Biblos*, vol. XXXI, 1955: 1-19.
- Bratto, Olof, *Studi di antroponimia fiorentina*, Goteborg: Elanders, 1953.
- Bratto, Olof, *Filipe, Henrique e outros nomes próprios em Portugal e na Europa*, Lisboa, Instituto Ibero-Americano, 1958.
- Brudt, Kate, «Madeira, estudo linguístico-etnográfico», *Boletim de Filologia*, tomo V, fasc. 1-2, 1937: 59-91.
- Carvalho, A. Ferraz de, «Da actual feição da antroponímia portuguesa», *Biblos* III, 1927: 509-523.
- Castro, Ivo, «A investigação antroponímica em Portugal», *Patronymica Romanica. Dictionnaire historique des noms de famille romans*. Actes du I Colloque, Trèves, 10-13 décembre 1987 (publiés par Dieter Kremer), Tübingen, Niemeyer, 1990.
- Cortesão, A. A., «Onomástico medieval português», Sep. de *O Archeólogo Português*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1912.
- Costa, A. Carvalho, *Antropónimos*, Braga, Bastos e Almeida, 1982.
- Ferreira, Maria Valentina Garcia, «Antroponímia do Algarve. I. Reflexo da toponímia local», *XVIII CILFR*, Trier, 1986.
- Ferreira, Maria Valentina Garcia, «Antroponímia do Algarve. II. Reflexo de status social e de actividades laborais», *Homenagem a Joseph M. Piel*, Lisboa, 1988: 29-33.
- Jonasson, Kerstin, *Le nom propre. Constructions et interprétations*, Champs linguistiques, Louvain-la-Neuve, Duculot, 1994.
- Kremer, Dieter, «Spanisch : Anthroponomastik», *Lexikon der romanistischen Linguistik*, vol. VI-1, Tübingen, Niemeyer, 1992: 457-474.
- Kremer, Dieter (coord.), *Dictionnaire historique de l'anthroponymie romane : (PatRom). Présentation d'un projet*, Tübingen, Niemeyer (Patronymica Romanica, 9), 1997.
- Lebel, Paul, *Les noms de personnes*, Paris, Presses Universitaires de France, 1946.
- Machado, J. Pedro, *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, 3 vols., Lisboa, Horizonte/Confluência, 1984.
- Piel, Joseph M., «Nomes de possesores latino-cristãos na toponímia asturo-galego-portuguesa», *Biblos* 23, 1947: 143-202 e 283-407.
- Piel, Joseph M., «Sobre os apelidos portugueses do tipo patronímico em -ici/-es (Rodrigues)», *Boletim de Filologia*, tomo XXI, 1965: 167-175.
- Piel, Joseph M., «Considerações gerais sobre a toponímia e antroponímia galegas», *Verba* 6, 1979: 5-11.
- Piel, Joseph M., «Novíssimas achegas à história da tradição antroponomástica mais antiga latina do noroeste galaico», *Verba* 11, 1984: 5-24.
- Serra, Pedro Cunha, «Notas de toponímia. Topo-antropónimos recentes», Sep. de *Labor*, 1956: 162: 26.
- Vasconcelos, J. Leite de, *Antroponímia Portuguesa. Tratado comparativo da origem, significação, classificação e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes e apelidos usados por nós desde a Idade-Média até hoje*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.
- Vasconcelos, J. Leite de, *Opúsculos: Onomatologia*, vol. III, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.

